

SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS NO CASTRO DA MADALENA (VILA NOVA DE GAIA). NOTÍCIA PRELIMINAR DAS CAMPANHAS DE 2020 E 2021

António Manuel S. P. Silva

CITCEM; Projeto ARQ-EDOV
amspsilva@gmail.com

Edite Martins de Sá

Projeto ARQ-EDOV
editesa@gmail.com

ABSTRACT

This article presents a summary of the results from the archaeological campaigns which took place in 2020 and 2021, in the *Castro* of Madalena, at Vila Nova de Gaia. The excavations in this small Atlantic Iron Age settlement, allowed us to collect the first data related to the dwelling structures and adjacent areas. We highlight the preferential use of building materials such as clay, cob, grit, and plant elements, which differ from more traditionally used stone elements. These ones emerge as a finishing element, suggesting the existence of mixed building materials. Also, is of particular interest the evidence of walkways, built with similar materials, surrounding the houses. We believe that further research will provide an important contribute to increase the knowledge of the internal organization of regional Iron Age settlements, prior to the Roman domain.

Keywords: *Castro* of Madalena; Iron Age; North of Portugal; Proto-history

RESUMO

Apresenta-se uma síntese dos resultados das campanhas de trabalhos arqueológicos realizadas, em 2020 e 2021, no *Castro* da Madalena, em Vila Nova de Gaia. As escavações neste pequeno povoado atlântico permitiram recolher os primeiros dados relacionados com as suas estruturas habitacionais e áreas adjacentes. Destaca-se o recurso preferencial a materiais construtivos como a argila, adobes, saibro e elementos vegetais, em detrimento da pedra, que surge como complemento, sugerindo a existência de aparelhos mistos. Também a existência de pavimentos de circulação exteriores às casas, construídos com materiais similares, se reveste de particular interesse. A continuação da investigação fornecerá, cremos, um importante contributo para o incremento do conhecimento da organização interna dos povoados da Idade do Ferro em fase anterior à dominação romana.

Palavras chave: *Castro* da Madalena; Idade do Ferro; Norte de Portugal; Proto-história

1. INTRODUÇÃO

O “Castro” da Madalena constitui uma estação arqueológica de apreciável tradição historiográfica¹, se bem que seja frequentemente referenciado, por lapso, como Castro de Valadares, freguesia administrativa com que o sítio confina. Objeto de várias referências bibliográficas ao longo do século XX² e pontuais recolhas de espólio superficial³, só recentemente surgiu a oportunidade de ali efetuar sondagens arqueológicas.

Os trabalhos arqueológicos têm sido desenvolvidos no âmbito do projeto de investigação ARQ-EDOV, “Arqueologia da Idade do Ferro no Entre Douro e Vouga Atlântico”⁴, projeto dinamizado pelo Centro de Arqueologia de Arouca⁵. Este projeto, na linha de anteriores programas de pesquisa voltadas para a ocupação proto-histórica desta região⁶, orienta-se particularmente para a fachada atlântica, envolvendo no seu escopo, em especial, os castros de Salreu (Estarreja)⁷ e de Ovil (Espinho)⁸. Pretende-se contribuir para um melhor conhecimento da organização e tipificação edilícia do *habitat* indígena entre a idade do Ferro e os começos do domínio romano naquela região, nomeadamente ao nível das estruturas de delimitação dos povoados (as tradicionais “muralhas”) e dos espaços domésticos. Ao mesmo tempo, e de uma forma mais concreta, o projeto visa desenvolver o repertório sistemático da ergologia cerâmica patente nas diferentes estações (afinado por um subprojeto de análise química das pastas argilosas), registando igualmente outras tipologias de artefactos, tendo presentes algumas categorias de análise que possam potenciar a investigação: comum/excecional; autóctone/forâneo e outras, procurando essencialmente detetar as linhas de continuidade e os momentos ou espaços de inovação. Por fim, considerando a necessidade de estabelecer um quadro cronológico mais preciso, pretende-se obter novas séries de datações absolutas, que possam afinar a diacronia das comunidades indígenas da região naquele período charneira dos alvores da História. Além dos estudos arqueométricos, o projeto ARQ-EDOV integra ainda uma componente de pesquisa paleoambiental, voltado especificamente para a recolha de informação sobre a cobertura vegetal e as espécies cultivadas na área dos povoados, através do estudo de carvões e sementes⁹.

O povoado situa-se no *Coteiro do Crasto*, um pequeno cabeço localizado num meandro da ribeira da Madalena¹⁰, elevação de baixa altitude (59 m) mas bastante destacada na paisagem, encontrando-se a apenas 1,9 km do Oceano¹¹ (Figuras 1 e 2). Trata-se de um castro de pequenas dimensões, talvez com cerca de 1,45 ha, instalado sobre uma colina de plano ovalado, que mede cerca de 155 metros de eixo maior (N-S) por cerca de 122 m no alinhamento E-O, embora a imediata urbanização da envolvente não permita aferir a real dimensão da área ocupada e os limites do sítio arqueológico (Figs. 2, 3 e 4). O monte é circuitado por vários taludes, podendo alguns deles corresponder a ordens de muralhas (o que carece de confirmação), eventualmente complementadas

1 FORTES 1909, p. 11; CORREIA 1924, p. 277 (fotografias), 283; 1935, p. 140; MATOS 1937, pp. 11-12; VELOSO 1963, pp. 139-142; GUIMARÃES 1993, p. 19; SILVA, A.C. 1986, p. 87, n.º 434; 2007, p. 141, n.º 529; SILVA 1994, pp. 63-64, n.º 33; 2007, ficha 16; 2015, pp. 2, 7; QUEIROZ 1997, pp. 34-37; SILVA, PEREIRA 2010, p. 194.

2 *Vd.* nota anterior. Diversos autores distinguem o castro da Madalena de suposto povoado similar em Valadares (por exemplo, FORTES 1909 e MATOS 1937); outros, por sua vez, discutem se o castro da Madalena poderá corresponder a um “castro de Aguium” citado em diplomas do século XII (SILVA 1994, p. 66; QUEIROZ, 1997), convergência que parece clara para A. C. Ferreira da Silva (SILVA, A.C. 2007).

3 VELOSO 1963, p. 141.

4 SILVA *et alii* 2019.

5 O Centro de Arqueologia de Arouca é uma associação de defesa do património, fundada em 1984, cujo âmbito de trabalho é a investigação na região do Entre Douro e Vouga.

6 SILVA *et alii* 2016.

7 SILVA *et alii* 2017; 2019; 2020; SILVA, LEMOS, ALMEIDA E SILVA 2021; ALMEIDA E SILVA *et alii* 2020.

8 SALVADOR, SILVA 2000; 2010; 2020.

9 TERESO *et alii* no prelo.

10 Patenteando, assim, um modelo de articulação com linhas de água muito comum na região entre Douro e Vouga (SILVA 2005, pp. 170-171).

11 A estação arqueológica encontra-se recenseada na Base de Dados do Portal do Arqueólogo (<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=49381>) com o número de sítio 3600, e está recenseada como imóvel arqueológico inventariado na Carta de Salvaguardas e relatórios anexos do Plano Diretor Municipal de Vila Nova de Gaia, com o nº A016 (SILVA, 2007; 2015). As coordenadas geográficas do seu ponto central são: 41° 06' 10" N e 8° 38' 24" O (WGS84).

por um fosso, de que parecem ver-se indícios a sul¹². A extração de pedra destruiu amplas áreas no topo superior e nas encostas voltadas a poente (Fig. 3), o que não obsta a que possam ainda detetar-se locais com a estratigrafia preservada, como se observou nas duas campanhas de escavações realizadas. O terreno encontrava-se florestado, essencialmente com eucalipto e mimosas (*acacia dealbata*), e densamente povoado por arbustivas, situação alterada por recente ação de desarborezação, que revelou, entre outros aspetos, a sobrevivência de significativa mancha de sobreiros.

2. TRABALHOS EFETUADOS E PRINCIPAIS RESULTADOS

Nas imediações do *Coteiro* realizaram-se já algumas intervenções arqueológicas de avaliação e salvaguarda. Em 2000 foram feitas sondagens no sopé, em terrenos a sudeste destinados a construção, não tendo sido detetadas quaisquer estruturas, mas apenas materiais cerâmicos esparsos¹³. Ainda nas proximidades, do lado sul da Rua do Formigueiro, um pouco a sudoeste, foram, posteriormente, feitos outros trabalhos de salvaguarda, prévios à implementação de um projeto imobiliário, os quais revelaram um sítio com estruturas negativas (fossas, buracos de poste e valados), enquadradas numa cronologia compreendida entre a Pré-história recente e o Bronze Final¹⁴, aparentemente sem qualquer relação cultural com o vizinho povoado da Idade do Ferro.

A primeira campanha de sondagens no castro da Madalena, teve lugar em setembro de 2020, sob direção dos signatários, decorrendo durante cerca de quatro semanas. Em 2021, em condições idênticas, realizou-se a segunda campanha¹⁵. Os dados que agora se apresentam sintetizam, ainda de forma preliminar, os resultados destas iniciativas. O sector A, que tem sido objeto de intervenção arqueológica, localiza-se numa plataforma intermédia da colina, voltada a nascente (Fig. 4). As áreas de escavação realizadas totalizam, até ao momento, 37 m², repartidas por duas sondagens localizadas em pontos opostos da plataforma nascente da colina, tendo abarcado os quadrados BR-BS 8, 10, 12, 13, 14 e BB-BC 8, 9, 10, 11 (Fig. 3 e 4).

2.1. ÁREA DA CABANA I (QUADRADOS BR-BS 12, 13, 14/BR 13, 14)

No decurso da primeira campanha de trabalhos, ocorrida em 2020, foram identificadas realidades que tornaram plausível aferir que nos encontrávamos perante contextos integráveis, cronologicamente, na Idade do Ferro, tanto pelo espólio exumado, como pela natureza das estruturas, localizadas no extremo sudoeste do quadrado BR-BS 12 e reduzidas, então, a um murete feito com pedras graníticas, associado a dois blocos do mesmo material e a um piso interior de coloração laranja-avermelhada, construção que viríamos a designar como Cabana I (UE 011)¹⁶ (Fig. 5).

Na segunda campanha de trabalhos arqueológicos, em 2021, os alargamentos realizados neste ponto, que totalizaram 12 m², confirmaram a existência de parte substancial daquela estrutura arquitetónica, certamente de carácter habitacional. Esta Cabana I, de planta subcircular, terá, a avaliar pelo segmento trazido à luz pelos trabalhos arqueológicos, cerca de 4,25 m² de diâmetro interno, correspondendo a uma área de, aproximadamente, 14 m² (Figs. 6 e 16). Apresenta um piso de circulação interno, composto por argila compactada, de coloração laranja-avermelhada (UE 005), talvez endurecida com recurso ao uso do fogo, ainda que não tenham sido observados carvões ou manchas de fuligem (Figs. 6 e 9). No centro da cabana foi construída, sobre o piso, a base de uma lareira (UE 47), de configuração irregular, formada por uma fina camada de argila compactada, de

12 SILVA 1994, pp. 63-64, n.º 33.

13 PEREIRA 2000.

14 GOMES 2007; BAPTISTA, OLIVEIRA 2008; PINHEIRO 2016.

15 Agradecemos ao proprietário do terreno, Sr. Joaquim Filipe Guedes, a autorização e colaboração para a realização destes trabalhos.

16 Utilizámos o substantivo “cabana” em sentido neutro, enquanto espaço utilizado para funções domésticas, função atestada nesta estrutura pela presença de uma lareira central.

coloração esbranquiçada e com cerca de 0,60 m de diâmetro no seu eixo maior. Esta estrutura ostenta uma considerável mancha negra de fuligem, que confirma a sua utilização como estrutura de combustão (Figs. 7 e 16).

As paredes desta construção parecem documentar duas técnicas distintas. No quadrante noroeste da cabana seriam constituídas por argila, eventualmente com recurso a adobes elementares (dos quais, todavia não se encontrou evidência clara), como é sugerido especialmente pelo tramo basal da parede no limite norte da cabana, com cerca de 1,20 m de comprimento e 0,35 m de largura. A base da face externa deste muro [057] estava delimitada por uma fiada de oito pedras graníticas de pequeno calibre, não aparelhado, que poderão ter servido para conter e delimitar a estrutura parietal em argila (Fig. 8).

Já na área contígua, no quadrante nordeste da cabana, e em aparente associação coeva, surgiu um pequeno segmento de murete, de dupla face, constituído por pedras em granito de pequeno e médio calibre, com algum afeiçoamento e corte tendencialmente subretangular (UE 011), servindo de ligante um sedimento de textura arenosa e coloração amarelada. A vala de fundação [010], efetuada para a construção da cabana ou, pelo menos, para o segmento de murete [011], apresentou cerca de 30 cm de largura, paredes verticais com cerca de 20 cm de profundidade e fundo aplanado. A interface operou-se na UE 009, um depósito matriz argilo-arenosa, bastante compacto e com a superfície de tonalidade castanha-acinzentada. De volumetria modesta, com cerca de 0,35m de largura máxima e menos de um metro de tramo preservado, esta estrutura achava-se reduzida à fiada basal, desconhecendo-se se o alçado terá sido feito integralmente em pedra ou recorrendo, igualmente a materiais argilosos (Figs. 6 e 16).

Num dado momento, terá sido levada a cabo no lado oeste da Cabana I uma reformulação do piso [005] e da parede em argila [057], facto que poderá ter resultado da necessidade de trabalhos de manutenção ocasionais, dada a natureza frustre dos materiais. A reformulação passou por altear e substituir, tanto o piso como a parede, por argamassa de saibro, porventura por lhe conferir mais resistência (UE 055 e 056) (Figs. 6 e 9). Os dois monólitos graníticos adjacentes poderão não ser alheios a esta “reconstrução”, considerando que, por algum motivo, poderão ter rolado a partir do topo da vertente e chocado contra a cabana, tendo-lhe provocado danos estruturais, hipótese, por ora, meramente conjectural.

Deve destacar-se, neste ambiente, a multiplicidade de recursos e soluções construtivas utilizadas, observando-se ligantes de argila e saibro, talvez complementados com madeira, ramagens ou outros materiais perecíveis. O único elemento desta cabana onde se recorreu à pedra foi no segmento de murete em granito, que poderá ter funcionado como uma base de sustentação de uma presumível porta de acesso, hipótese reforçada pela aparente associação a dois blocos graníticos [013], com afeiçoamento sumário e configuração subtrapezoidal, existentes na área adjacente ao limite exterior nordeste do murete (Figs. 5 e 6). Apesar do seu aparente deslocamento, por processos pós-deposicionais, estes blocos estavam numa posição algo escalonada entre si e contígua ao murete, o que sugere que tenham servido como degraus.

Ainda no âmbito das soluções construtivas, importa assinalar a ocorrência de um pequeno valado, com cerca de 10-12 cm de largura (UE 064) e secção em U, adossado à face interna do segmento de parede em argila ou adobe e o limite exterior do piso em argila, elemento que poderá ter servido como base de assentamento de alguma estrutura de reforço interno da parede, possivelmente em madeira (Fig. 8). Também neste troço, observou-se o que cremos constituir uma espécie de revestimento na parte basal da face interna da parede, caracterizado por uma fina película – não mais do que 3 cm de espessura – de barro cozido, de coloração castanho-escura, eventualmente para atuar como reboco ou impermeabilizante para ajudar a evitar infiltrações e a humidade.

A uma cota ligeiramente inferior no exterior da cabana, a nascente, deve ainda referir-se a UE 019, um depósito correspondente a um outro piso de circulação de matriz argilo-arenosa,

homogéneo, muito compacto e de coloração alaranjada, com tonalidade amarelada ou acinzentada em algumas zonas (Fig. 16). Este interface, que aparenta ser estratigraficamente anterior ao conjunto de realidades associadas à Cabana I, poderá ser equivalente à U.E. [007], referente a um piso identificado nos quadrantes BR-BS 8 e 10 na mesma área de escavação. A confirmar-se esta ligação, admite-se a existência de um pavimento de circulação exterior aos espaços domésticos, elemento de particular interesse para a compreensão da organização “urbana” do povoado castrejo.

2.2. ÁREA DA CABANA II (QUADRADOS BB-BC 8, 9,10, 11)

Na segunda campanha de trabalhos arqueológicos, ocorrida em 2021, procedemos à abertura de uma nova área de escavação, igualmente na plataforma nascente do povoado mas situada mais a sul, através da abertura de uma sanja de 13 m², com o objetivo de avaliar a potencialidade de vestígios preservados em toda a extensão transversal da mesma plataforma (Fig. 3).

A intervenção nesta zona permitiu atestar uma singela possança estratigráfica, não ultrapassando genericamente os 0,60 m, não obstante apresentar um crescendo na parte poente, próxima do limite da plataforma e da base da vertente (Fig. 10). Após a remoção da expressiva camada humosa resultante da grande quantidade de vegetação arbórea e arbustiva existente no local, identificámos vários depósitos de abandono (UE 31, 32, 43), sob os quais se encontrou o nível basal de outra estrutura doméstica, designada como Cabana II.

Esta estrutura, escavada apenas em cerca de um terço do seu perímetro, deverá corresponder a uma planta subcircular, com cerca de 3,40 m de diâmetro externo. É delimitada por uma parede em argila robusta (UE 042), bem compactada e com tonalidade castanho-alaranjada, com largura entre 0,28 e 0,36 metros e 0,50 m de altura máxima preservada, configurando um espaço interior que deverá rondar os 9 m² (Figs. 10, 11 e 17). Adossada à face interna da parede em argila, na sua parte basal, observámos a presença de uma fina capa de argila cozida, com apenas entre 2 a 4 cm de espessura, de coloração castanho-escuro, que poderá ter funcionado como impermeabilizante ou como recurso construtivo para isolar o espaço remanescente entre a face interna do alçado e o pavimento da estrutura (Fig. 17). O nível de circulação (UE 037), ligeiramente mais elevado em relação ao espaço envolvente, é composto por uma mistura de saibro e argila compacta e endurecida com recurso ao uso do fogo, com tonalidade amarelo-alaranjada. A superfície do piso encontrava-se bastante perturbada pela ação das raízes de várias árvores (Figs. 10 e 11).

A uma cota mais baixa e no espaço envolvente do lado nascente da cabana, foi construído um nível correspondente ao piso de circulação [046], composto por argila e argamassa de saibro, com uma coloração que alterna entre o amarelado e o alaranjado (Fig. 12). Este pavimento parece configurar, à semelhança, pelo menos, dos pisos [007] e [019], uma área de circulação exterior e comum ao espaço adjacente às cabanas, admitindo-se que terá constituído, simultaneamente, uma estratégia encontrada pelos habitantes do povoado para regularizar o solo e altear a plataforma. Curiosamente, o piso não foi nivelado, uma vez que o seu pendor é condizente, embora de forma não acentuada, com o do próprio terreno, ação que julgámos ter sido propositada para facilitar eventualmente, o escoamento de águas pluviais e outros detritos, evitando a sua acumulação em redor das habitações (Fig. 13).

3. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

A componente artefactual resultante das duas primeiras campanhas ascende a vários milhares de itens, com natural destaque, como é habitual, para os materiais cerâmicos. No seu conjunto, o espólio ainda não foi objeto de estudo próprio, incluindo seriação estratigráfica e tipológica, pelo que se apresenta, por enquanto, mera nota divulgativa.

A cerâmica recolhida corresponde, quase na sua totalidade, a olaria proto-histórica,

abundantemente identificada a partir dos depósitos mais superficiais. O grau de fragmentação das peças é muito elevado, consistente com a natureza secundária da generalidade das deposições. Uma primeira observação de conjunto, contudo, permite destacar algumas características gerais, que claramente enquadram este lote cerâmico nos repertórios habituais da louça “castreja” do Entre Douro e Minho, com analogias claras nos materiais já publicados das estações litorais a sul do Douro, do que constituem melhores exemplos os materiais exumados nos castros de Ovil¹⁷, Salreu¹⁸, Romariz (Santa Maria da Feira)¹⁹, Valinhas (Arouca)²⁰ ou Castelo de Gaia²¹, entre outros.

As formas identificadas parecem integrar as mais comuns da louça doméstica tipicamente castreja, como os potes e panelas, alguns com asa, recipientes de armazenamento e outros de menor dimensão e espessura, que sugerem formas mais pequenas como taças e potinhos ou púcaros. Os bordos das vasilhas mostram, em maioria, lábio arredondado, por vezes para o exterior, para o exterior ou em bisel ou ligeiro bisel, e os fundos são na sua maioria de base plana, alguns mais robustos e com espessura considerável, atribuíveis a recipientes de maiores dimensões. As pastas argilosas, são, numa abordagem macroscópica, maioritariamente de composição micácea, havendo algumas areno-micáceas, de cozedura redutora (observando-se, todavia, um largo número de fragmentos que parecem ter estado expostos a um ambiente de cocção mais oxidante), fabrico manual e com tonalidades que variam entre a acinzentada, beje, castanho-clara e alaranjada. Assinalam-se apenas dois elementos de pastas mais depuradas. O acabamento é genericamente alisado, havendo alguns fragmentos com maior polimento, admitindo-se a sua produção na roda.

A grande maioria do acervo cerâmico é, como habitualmente, desprovida de decoração, contabilizando-se, todavia, perto de uma centena de fragmentos de pança com elementos decorativos, predominando as técnicas da incisão e impressão. A gramática ornamental, notoriamente diversificada, é essencialmente caracterizada por sulcos e linhas incisivas, isolados ou múltiplos, linhas onduladas, bem como vários padrões geométricos associados a diferentes organizações decorativas; matrizes de círculos concêntricos, círculos em alto-relevo, losangos, matrizes impressas triangulares, bandas de motivos em SS, círculos quadripartidos, bem como motivos em aspa e em zig-zag (Fig. 14).

Também em cerâmica foram recolhidos diversos cossoiros discóidais, certamente usados como volantes de fusos, que remetem para atividades ligadas à fiação. Deve ainda mencionar-se a identificação, bastante recorrente, de pequenos pedaços, muito fragmentados, do habitualmente designado “barro de construção” (Fig. 15). Este barro terá sido usado, muito provavelmente, como elemento constituinte de pisos, rebocos, ou para calafetar ou ligar estruturas construídas em materiais perecíveis.

A par da cerâmica, as duas campanhas permitiram a exumação de utensilagem lítica, objetos metálicos e duas contas perfuradas, em pasta de vidro azul (Fig. 15). Nos metais, muito raros, destaca-se o que poderá ser um pequeno fragmento de arco de fíbula, em bronze. Em pedra, além de parte significativa de um movente de mó circular, em granito, foram recolhidos restos de talhe, um fragmento de lâmina em sílex, possíveis amoladores em quartzito e termoclastos, entre outros elementos, objetos que igualmente aguardam uma caracterização mais cuidada.

4. DISCUSSÃO

O Castro da Madalena terá sido um povoado de dimensões relativamente modestas, nomeadamente pelas limitações topográficas da pequena elevação onde se implantou. A sua

17 SALVADOR, SILVA 2010; 2020.

18 ALMEIDA E SILVA, SILVA 2020.

19 SILVA, A.C. 2007, pp. 179-240; CENTENO, OLIVEIRA 2008, pp. 44-107.

20 SILVA 1995; 2004, p. 242.

21 RAMOS, CARVALHO 2020, pp. 77-78; CARVALHO, NASCIMENTO, SOUSA 2020.

localização geográfica, como um dos povoados mais litorais na franja Atlântica a sul do Douro, poderá ter proporcionado acesso favorável a recursos e favorecido contactos suprarregionais, o que a continuação dos trabalhos poderá vir a confirmar. As duas primeiras campanhas de sondagens arqueológicas ali realizadas permitem já reunir, mesmo em perspetiva preliminar, um conjunto de dados que entendemos de muito interesse para a caracterização deste pequeno povoado sidérico litoral.

As duas estruturas arquitetónicas já identificadas correspondem a unidades habitacionais (função claramente atestada, numa delas, pela presença de uma lareira central), de planta curvilínea, com superfícies interiores, estimadas pelos segmentos de arco escavados, de cerca de 14 m² (Cabana 1) e 9 m² (Cabana 2), valores em linha com o observado na generalidade dos povoados proto-históricos do noroeste peninsular.

Deve realçar-se, em relação ao seu *modus aedificandi*, o facto de se terem privilegiado aparelhos construtivos mistos, nos quais predomina a presença de estruturas parietais em argila ou, porventura, em adobe, em aparente associação, coeva ou sequencial, com elementos murários pétreos. O recurso à construção em argila e adobe nos povoados castrejos tem vindo a ser crescentemente atestada pelas escavações, diluindo de certa forma, sem surpresa, a imagem paradigmática, tantas vezes afirmada, de uma “civilização” ou arquitetura exclusivamente do granito ou do xisto.

Na verdade, podemos encontrar exemplos desta “reabilitação” de tipologias construtivas que não priorizaram a utilização de pedra como recurso, em ambientes do povoado fortificado da Quinta de Crestelos, Mogadouro²², no Castro de Salreu, em Estarreja²³, ou, mais recentemente, nos notáveis achados do Castelo de Gaia²⁴, de onde, entre outras evidências, serão provenientes os primeiros tijolos de adobe “castrejos” integralmente conservados²⁵. Não pode afirmar-se, porém, à luz dos dados vindos a público, que o uso destes materiais possa servir de indicador cronológico, e, nomeadamente, como sinal de um hipotético arcaísmo prévio à petrificação generalizada das construções castrejas²⁶.

A utilização da argila, como elemento construtivo, ultrapassa, na Madalena, a edificação das paredes das unidades residenciais, atendendo aos vários pisos detetados, incluindo-se, como elemento de similar interesse, o aparente tratamento com o mesmo material – parecendo, porém, mais evidente o recurso a argamassas de saibro – pavimentos de áreas exteriores às habitações, observação que parece sustentada em ambas as áreas de sondagem já abertas.

Estes elementos respeitam apenas às primeiras e limitadas “janelas” abertas sobre uma área residencial do castro. No que concerne à estruturação geral do povoado, estruturas defensivas, de delimitação ou eventual arranjo topográfico, a evidência é ainda sobremaneira escassa, se bem que os trabalhos de desarborização recentemente efetuados tenham possibilitado um levantamento topográfico e ortofotográfico com melhores condições para a melhor compreensão da organização espacial do sítio arqueológico (Figs. 2 e 3).

Do mesmo modo, não tendo ainda sido ensaiadas datações absolutas, a simples análise geral do espólio arqueológico exumado não garante a fixação de um intervalo cronológico seguro para a fundação, ocupação e abandono do povoado. Não obstante, deve realçar-se a aparente homogeneidade formal e tecnológica da cerâmica, exclusivamente indígena, observando-se como principais elementos alógenos as duas contas azuis em pasta vítrea, objetos, porém, de

22 LARRAZÁBAL 2017, com paralelos e ampla bibliografia.

23 ALMEIDA E SILVA *et alii* 2020, p. 1113; SILVA, LEMOS, ALMEIDA E SILVA 2021, pp. 30-31.

24 RAMOS, CARVALHO 2020, pp. 72-77.

25 RAMOS, CARVALHO 2020, p. 74.

26 Veja-se LARRAZÁBAL 2017, pp. 31-32. Por outro lado, cremos que a utilização desta matéria-prima, de difícil conservação em certos ambientes, pode bem passar algo despercebida na escavação de alguns povoados proto-históricos, justificando assim algum subregisto destas evidências.

tal difusão e amplitude cronológica que de pouco servem como indicadores cronológicos²⁷. Não obstante, considerando os paralelos formais de estações próximas²⁸ – e enquanto aguardamos por datações absolutas – podemos avançar, com a necessária prudência, a proposta de que os ambientes domésticos identificados nas primeiras duas campanhas de trabalhos arqueológicos possam corresponder a um momento de ocupação do castro da Madalena situado, talvez, entre os séculos IV/III e I antes da nossa era, tendo o sítio sido abandonado, muito provavelmente, algum tempo antes da dominação romana na região, considerando a falta de artefactos indiciadores de “aculturação material”²⁹, não devendo, naturalmente, interpretar-se como testemunho ineludível de ocupação tardia a mó giratória encontrada junto à Cabana I³⁰.

A par da componente mais estritamente científica, os resultados das duas primeiras campanhas arqueológicas parecem estar a suscitar entre as autarquias locais uma intenção de preservação e valorização cultural do Castro da Madalena, tanto no plano arqueológico como de outros potenciais interesses do sítio arqueológico. Sendo por ora prematuras outras considerações, cabe-nos, todavia, saudar a simples análise desta possibilidade, sinal de uma gestão territorial e patrimonial respeitadora dos vestígios do passado e do direito das gerações presentes e futuras a fruir esses bens culturais.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA E SILVA, Sara; SILVA, António Manuel S. P. (2020), *Cerâmica da Idade do Ferro do Castro de Salreu (Estarreja, Aveiro). Estudo Preliminar*. In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.), *Atas do Congresso Internacional de Cultura Castreja: Identidade e Transições*, vol. 2. Santa Maria da Feira, Câmara Municipal, pp. 393-403
- ALMEIDA E SILVA, Sara; SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo; SÁ, Edite (2020), *O Castro de Salreu, um povoado proto-histórico no Litoral do Entre Douro e Vouga*. In *Arqueologia em Portugal. 2020 - Estado da Questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1111-1126
- BAPTISTA, Lídia G; OLIVEIRA, Maria L. (2008), *Intervenção arqueológica em Castro de Valadares. Parecer técnico de arqueologia*, Porto, Arqueologia e Património [relatório datilografado]
- CARBALLO ARCEO, Xulio; CONCHEIRO COELLO, A.; REY CASTIÑEIRA, J. (2003), *A introducción dos muiños circulares nos castros galegos*, *Brigantium*, 14, La Coruña, pp. 97-108
- CARVALHO, Teresa P.; NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura (2020), *O Castelo de Gaia: a cerâmica dos contextos castrejos*. In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.), *Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições»*, vol. 2. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, pp. 353-369
- CENTENO, Rui M. S.; OLIVEIRA, Ana J., coord. (2008), *Roteiro do Museu Convento dos Lóios*. Santa Maria da Feira, Câmara Municipal
- CORREIA, António A. Mendes (1924), *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, Figueirinhas
- CORREIA, António A. Mendes (1935), *As Origens da cidade do Porto (Cale, Portucale e Pôrto)*. 2.ª ed. rev. e ampliada, Porto, Fernando Machado & C.ª
- FORTES, José (1909), *Gaya no Passado*. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José;

27 GOMES 2012, pp. 115-117.

28 SILVA et alii 2019; SALVADOR, SILVA 2020.

29 PEREIRA-MENAUT 2010, p. 248.

30 Como se encontra bem atestado, este tipo de moinhos manuais, de proveniência meridional, surge no noroeste peninsular vários séculos antes da conquista da região por Roma (CARBALLO, CONCHEIRO, REY 2003; PARCERO et alii 2007, pp. 211-212).

- MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim, *Mea Villa de Gaya: guia ilustrado do Concelho de Gaya*, Porto, Empresa editora do Guia Ilustrado de Portugal, pp. 9-28
- GOMES, Hugo F. P. (2012), *O vidro pré-romano no Norte de Portugal*, dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade Fernando Pessoa
- GOMES, José (2007), *Trabalhos arqueológicos no Castro de Valadares, Vila Nova de Gaia. Relatório preliminar*, Porto, Arqueologia e Património [relatório datilografado]
- GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1993), *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. V. N. Gaia, Câmara Municipal; Solar Condes de Resende
- LARRAZÁBAL GALARZA, Javier (2017), *Tierra, madera y piedra. Arquitecturas, mobiliário y diacronias de la II Edad del Hierro en Trás-os-Montes oriental: Quinta de Crestelos (Mogadouro)*, *Estudos do Quaternário*, 16, Braga, pp. 31-40. Em linha: www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq
- MATOS, Armando de (1937), *As estradas romanas no concelho de Gaia*, Vila Nova de Gaia, Museus Municipais e Biblioteca Pública de Gaia
- PARCERO-OUBIÑA, César; AYÁN VILA, X.; FÁBREGA ÁLVAREZ, P.; TEIRA BRIÓN, A. (2007), *Arqueología, Paisaje y Sociedad*. In GONZÁLEZ GARCÍA, F. J. (coord.), *Los pueblos de la Galicia céltica*, Madrid, Akal, pp. 131-258
- PEREIRA, José A. (2000), *Sondagens Arqueológicas no Castro de Valadares/Monte Crasto. Valadares – Vila Nova de Gaia. Relatório Final*, Vila Nova de Gaia, Novarqueologia [relatório datilografado]
- PEREIRA-MENAUT, Gerardo (2010), *El moderno debate sobre la romanización*, *Veleia*, 27, Vitoria, pp. 239-253
- PINHEIRO, Rui (2016), *Rua do Formigueiro (Vila Nova de Gaia). Um lugar de estruturas negativas*, *Al-Madan online*, 2.ª série, 21 (tomo 1), Almada, pp. 45-51
- QUEIROZ, Francisco (1997), *Do megalitismo à romanização*, In CIDADE, José C. et al., *Santa Maria Madalena de Fermucia (Madalena – V. N. Gaia): subsídios para uma Monografia*, vol. 1, Madalena, Junta de Freguesia, pp. 33-40
- RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2020), *O sítio do Rei Ramiro: contributo para o conhecimento das ocupações antigas no Monte do Castelo (Vila Nova de Gaia)*, *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14 (abr. 2020), Lisboa, Era Arqueologia, SA, pp. 67-81. Em linha: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos
- SALVADOR, Jorge F.; SILVA, António Manuel S. P. (2000), *Da descoberta do Castro de Ovil à criação de um gabinete de arqueologia*, *Al-Madan*, 2ª Série, 9, Almada, pp. 169-173
- SALVADOR, Jorge F.; SILVA, António Manuel S. P. (2010), *O Castro de Ovil (Espinho), um povoado da Idade do Ferro*, In PINTO, Filipe M. S. (coord.), *Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanços e perspectivas*. Santa Maria da Feira, Liga dos Amigos da Feira, 2010, pp. 53-73
- SALVADOR, Jorge F.; SILVA, António Manuel S. P. (2020), *Cerâmica da Idade do Ferro do Castro de Ovil (Espinho, Aveiro)*, In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.), *Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições»*, vol. 2, Santa Maria da Feira, Câmara Municipal, pp. 371-388
- SILVA, António Manuel S. P. (1994), *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- SILVA, António Manuel S. P. (1995), *Escavações arqueológicas em S. João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca*, *Poligrafia*, 4, Arouca, pp. 199-200
- SILVA, António Manuel S. P., coord. (2004), *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*, Arouca, Câmara Municipal

- SILVA, António Manuel S. P. (2005), Povoamento proto-histórico no Entre Douro e Vouga Litoral: a estruturação do habitat. I – Arquitectura dos castros, In *Castro, um lugar para habitar. Colóquio*, Penafiel, Museu Municipal, pp. 167-188
- SILVA, António Manuel S. P. (2007), *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico*, [V. N. Gaia], Gaiurb, EM; Município de Vila Nova de Gaia. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf
- SILVA, António Manuel S. P. (2015), Mais de um século de arqueologia em Vila Nova de Gaia: investigação e gestão de um património em risco, *Estudos do Quaternário*, 13, Braga, APEQ, pp. 1-22. Em linha: <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>
- SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo; ALMEIDA E SILVA, Sara (2021), Uma década de arqueologia no Castro de Salreu, 2011-2021, (um ponto de situação não conclusivo), *Terras de Antuã. Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja*, 15, Estarreja, pp. 35-55
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R. (2010), Povoamento proto-histórico na fachada atlântica do Entre Douro e Vouga. Paleoambientes e dinâmica cultural, In BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, M. I. C.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. (eds.), *Variações paleoambientais e evolução antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*, S.l., APEQ/CITCEM, pp. 189-203
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; ALMEIDA E SILVA, Sara; LEMOS, Paulo A. P. (2017), Uma aldeia de há dois mil anos. Um sítio arqueológico e a sua investigação. *Terras de Antuã. Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja*, 11, Estarreja, pp. 15-29
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2020), O Castro de Salreu (Estarreja): um povoado da Idade do Ferro nos limites meridionais da “cultura castreja”, In *Citânias e Cidades. As primeiras cidades do Noroeste Peninsular. I Ciclo de Conferências do Monte Padrão*, Santo Tirso, Câmara Municipal, pp. 138-158
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; TAVARES, João T.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA e SILVA, Sara (2016), Proto-história da Bacia do Antuã (2011-2015) – um projeto de investigação arqueológica em rede, *Patrimónios de OAZ*, 0, Oliveira de Azeméis, pp. 77-96
- SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite Martins de; SALVADOR, Jorge Fernando; LEMOS, Paulo André P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2019), O Castro de Salreu, um dos povoados proto-históricos atlânticos do Entre Douro e Vouga. *Terras de Antuã. Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja*, 13, Estarreja, pp. 24-44
- SILVA, Armando C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira, Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins
- SILVA, Armando C. F. (2007), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed.[rev e atualizada], Paços de Ferreira, Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins
- TERESO, João P.; VAZ, Filipe C.; ALMEIDA E SILVA, Sara; SILVA, António Manuel S. P. (no prelo), Consumo de plantas cultivadas e silvestres em Salreu (Estarreja, Aveiro) durante a Idade do Ferro. In *Atas das Jornadas Internacionais “Amanhar a Terra: Arqueologia da Agricultura” (Palmela, 2021)*, Palmela, Câmara Municipal
- VELOSO, Manuel P. (1963), Valadares em demanda das suas raízes. Notas preliminares. In *Vila Nova de Gaia (Terras de Rey Ramiro). II Festival Folclórico e Etnográfico de Gulpilhares*. Vila Nova de Gaia, Rancho Regional de Gulpilhares, pp. 139-144

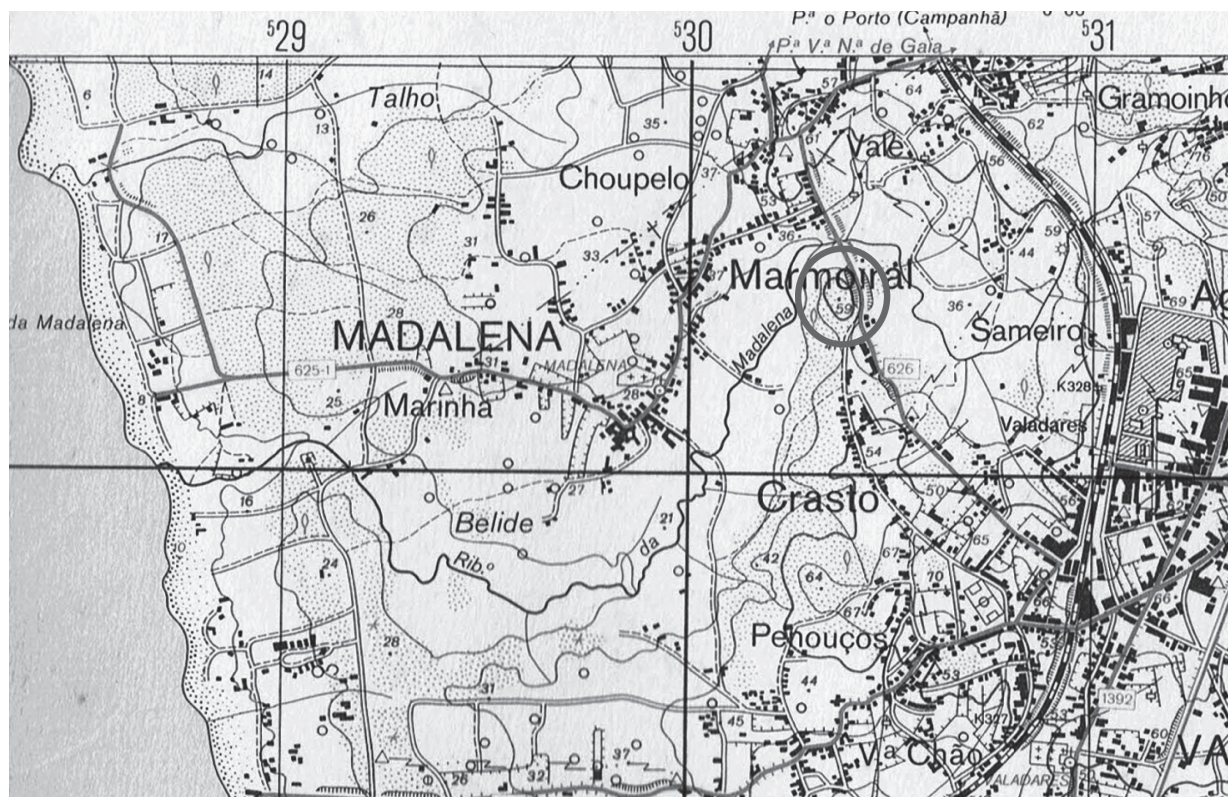


Fig. 1: Localização do castro da Madalena (círculo) na Carta Militar de Portugal à escala 1 25 000 (folha n.º 133, Valadares, ampliada).

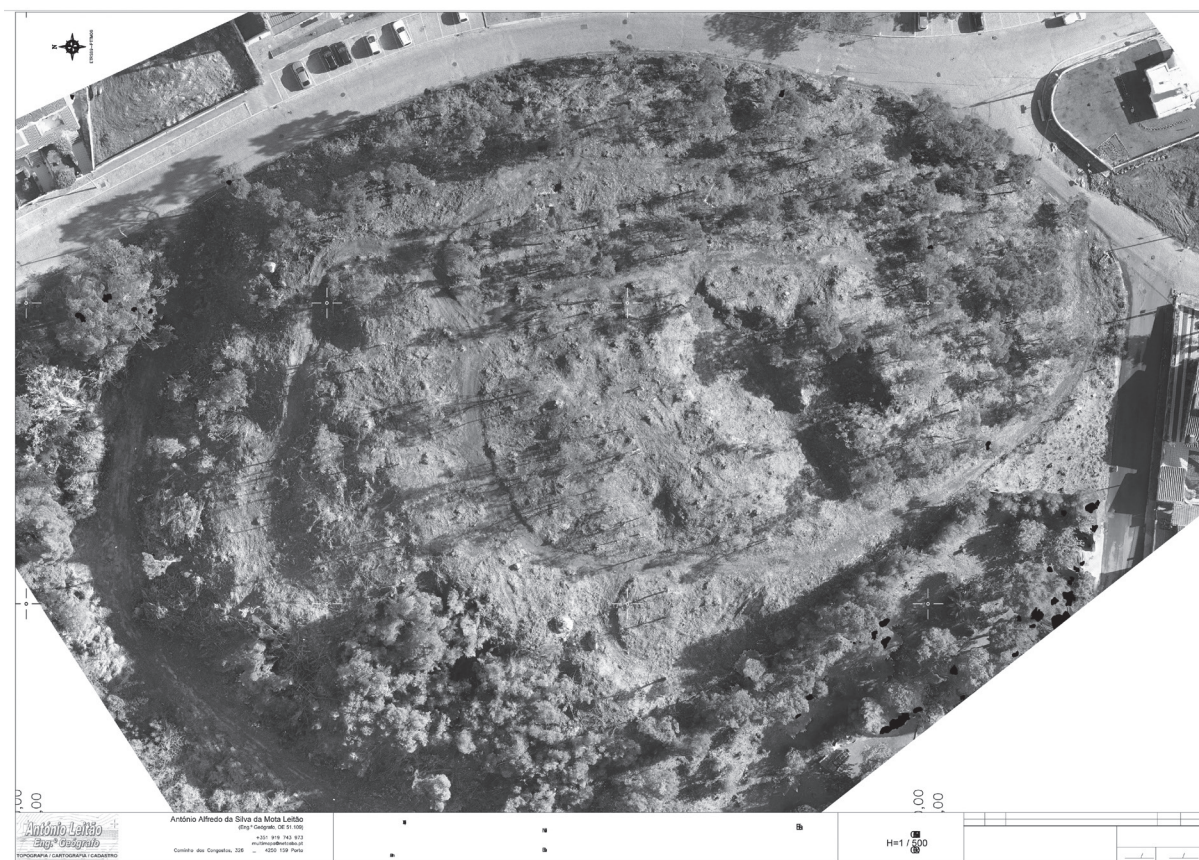


Fig. 2: Ortofotografia do castro da Madalena (foto: Multimapa).

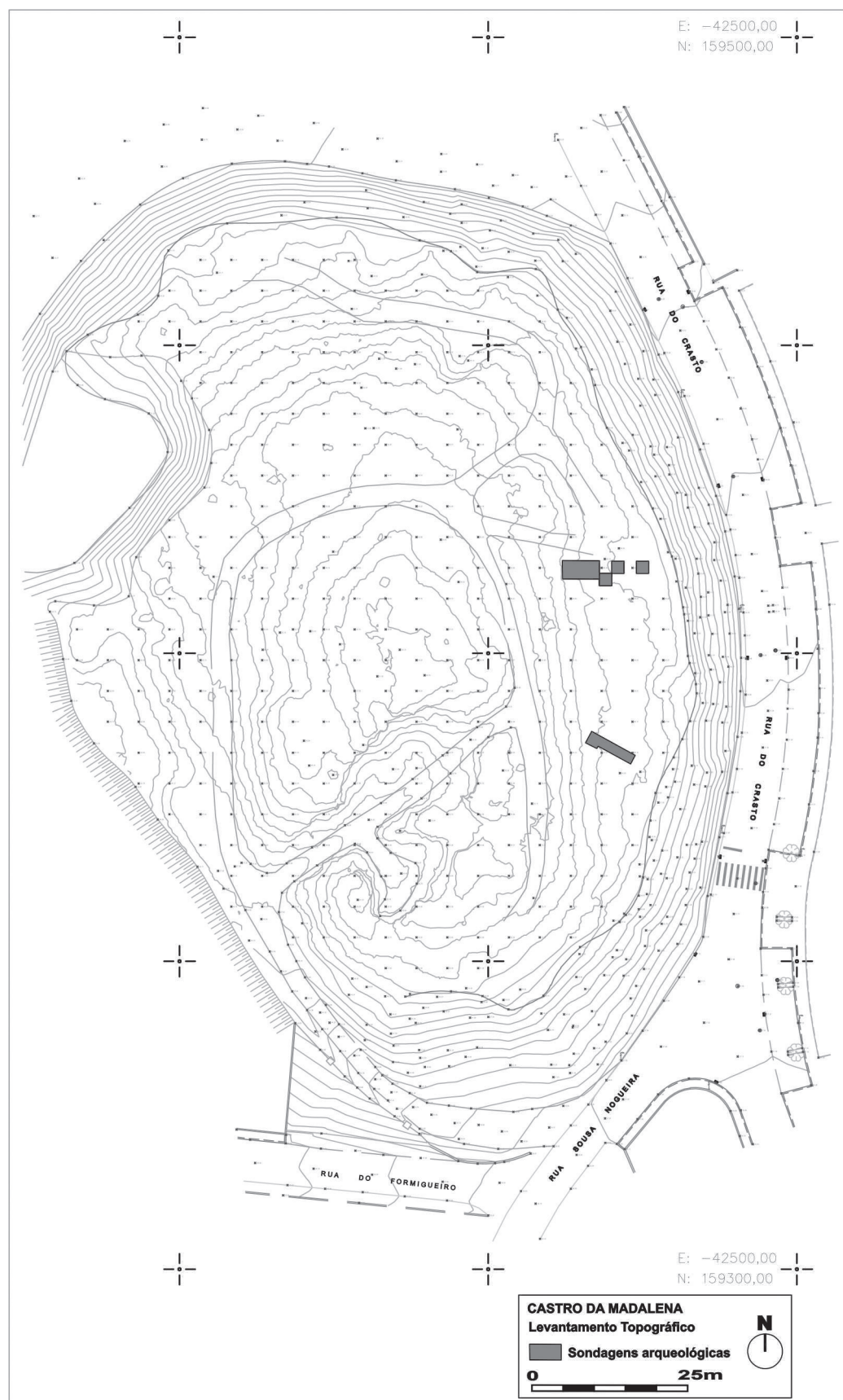


Fig. 3: Castro da Madalena. Levantamento topográfico e implantação das sondagens arqueológicas (levantamento Multimapa, infografia ARQ-EDOV).



Fig. 4: Castro da Madalena. Vista de sudeste (foto ARQ-EDOV).



Fig. 5: Campanha de 2020. Identificação da Cabana I (foto ARQ-EDOV).



Fig. 6: Ortofotografia da Cabana I (foto: Multimapa).

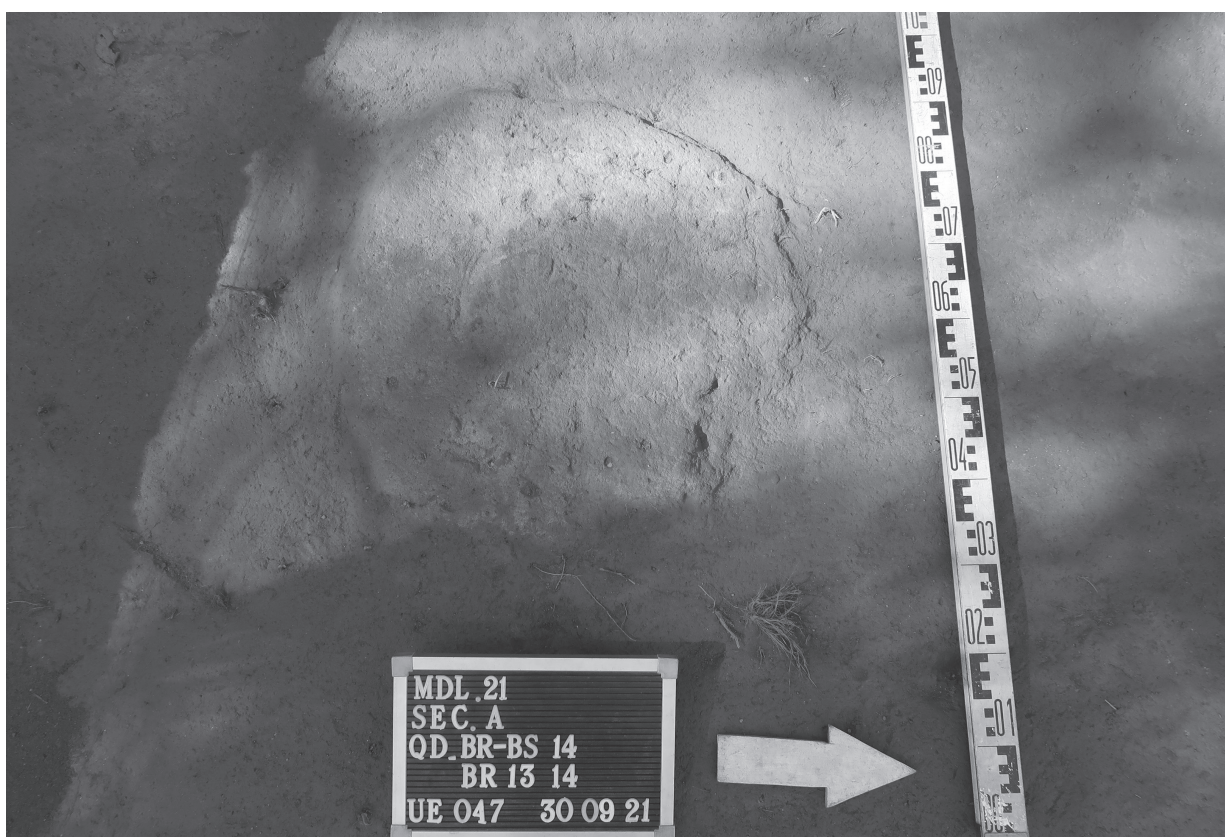


Fig. 7: Cabana I. Base de lareira (foto ARQ-EDOV).



Fig. 8: Cabana I. Segmento de parede em argila, com murete delimitador (foto ARQ-EDOV).



Fig. 9: Cabana I. Vista geral, observando-se a reformulação da estrutura e alteamento do piso (foto ARQ-EDOV).



Fig. 10: Cabana II. Vista geral sensivelmente a partir de noroeste (foto ARQ-EDOV).



Fig. 11: Cabana II. Perspetiva de oeste (foto ARQ-EDOV).



Fig. 12: Cabana II. Pormenor de piso exterior, em argila (foto ARQ-EDOV).



Fig. 13: Cabana II. Perspetiva de nascente, observando-se restos de pisos exteriores (foto ARQ-EDOV).



Fig. 14: Castro da Madalena. Cerâmica indígena decorada (foto ARQ-EDOV).



Fig. 15: Castro da Madalena. Contas em pasta vítrea azul, peso em quartzito e fragmentos de “barro de construção” (foto ARQ-EDOV).

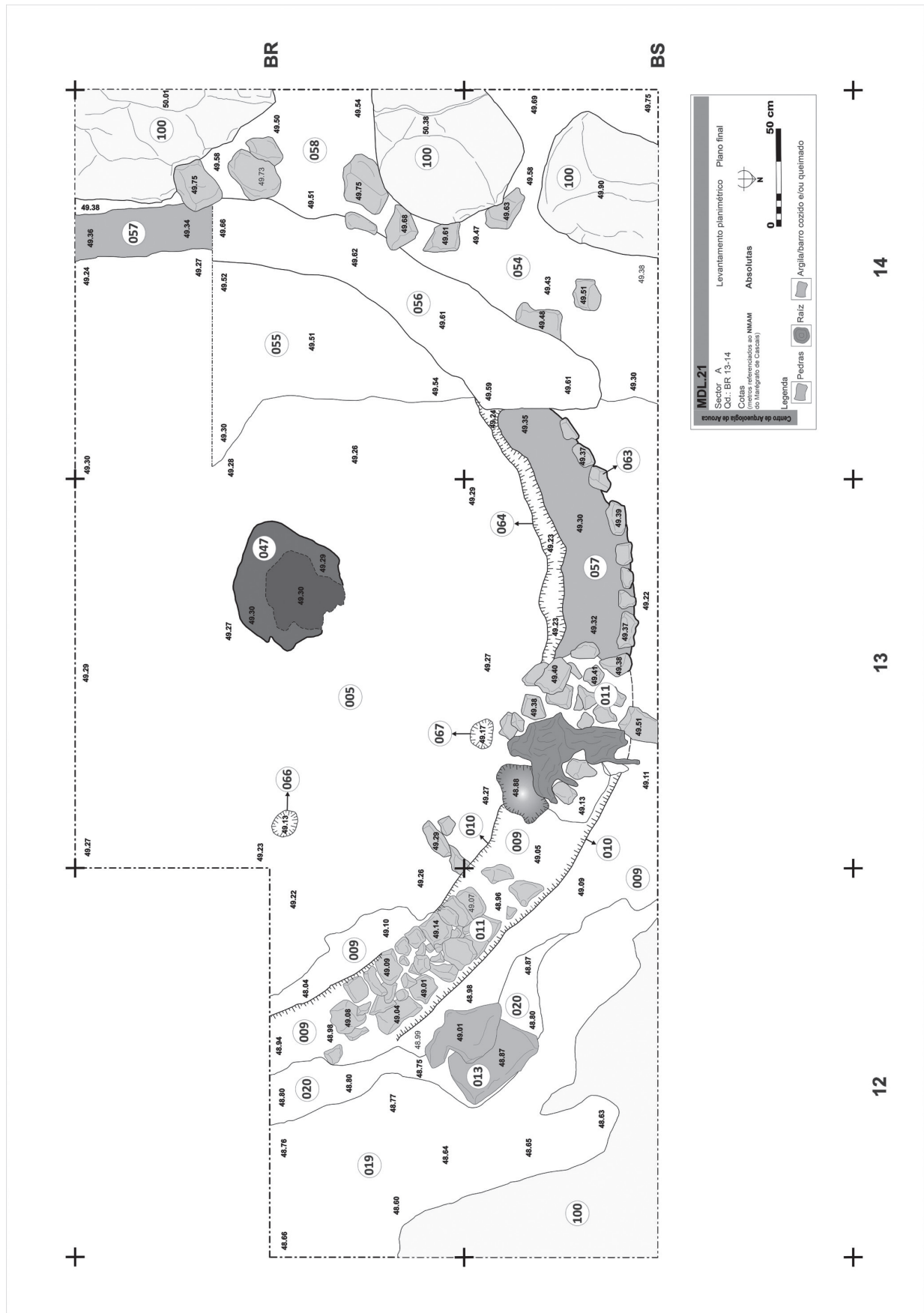


Fig. 16: Cabana I. Planta geral (levantamento e vectorização ARQ-EDOV).

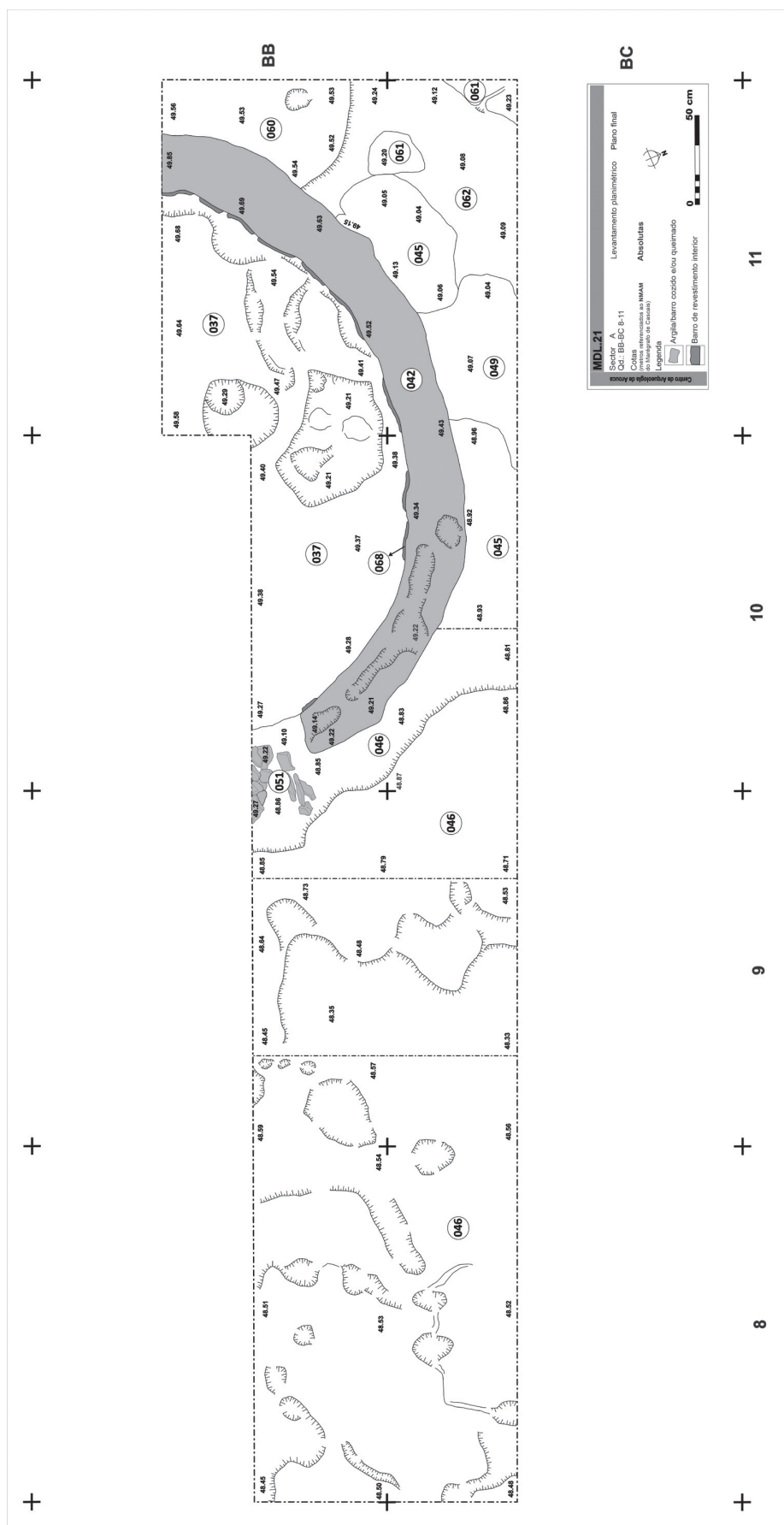


Fig. 17: Cabana II. Planta geral (levantamento e vectorização ARQ-EDOV).